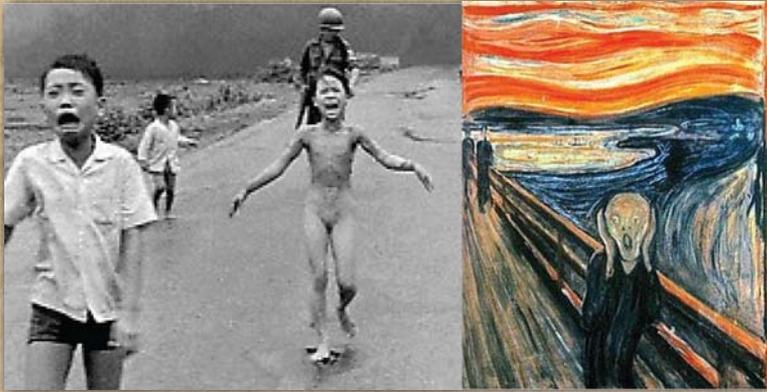




rumores e ruídos



UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS?

A imagem da menina que corre nua, corpo em chamas e em cruz, com o rosto crispado de dor, parece fazer desnecessária qualquer descrição dos horrores do lançamento de uma bomba de líquidos inflamáveis sobre um povoado, em 1972, durante a Guerra do Vietnã; assim como as imagens de pés necrosados, pernas amputadas, fetos em formol, estampadas nos maços de cigarros, dispensariam até mesmo a advertência do Ministério da Saúde de que “fumar é prejudicial à saúde”.

Em uma cultura irreversivelmente audiovisual como a contemporânea, a afirmação - transformada em indagação no título deste artigo – soa quase irrefutável. É com os olhos que a sociedade ouve. As imagens parecem imprescindíveis para a comunicação em aulas, palestras, matérias jornalísticas. Se elas não se apresentam em algum momento, a relação entre emissor e receptor fica desde então fraturada, a mensagem naufraga, e o ruído se estabelece.



Contestar essa evidência é tarefa vã. Nossa cultura não pode mais ser pensada na ausência de fotografias, quadrinhos, charges, vídeos, filmes. Luz, câmera, ação! Ouvir passa, então, a ser uma atividade visual. Atribuir uma hierarquia de valores a imagens e palavras pode sugerir uma interpretação equivocada e falaciosa dos tempos presentes. Já contextualizar a precedência de uma em relação à outra, seus locais de produção e recepção e suas funções sociais e estéticas é fundamental para que se aproveite delas todo o potencial de pólvora, de explosão ou de silêncio que guardam.

É preciso, antes de qualquer julgamento, reconhecer que a palavra oral ou escrita é um signo capaz de produzir outros, como, por exemplo, o som e a própria imagem, seja em contexto jornalístico-informacional, seja em contexto literário. Nesse sentido, a literatura é, por natureza, plurissignificativa: uma arte dotada da capacidade de multiplicar outros signos para além daquele que o constitui essencialmente. Portanto, quando revemos as imagens da bomba atômica lançada sobre Hiroshima e Nagasaki, em 1945, e tudo já parece dito, os versos do poeta Vinícius de Moraes, em “Rosa de Hiroshima”, descortinam, por meio das palavras, muitas outras imagens não fotografadas nem filmadas, outros sons não captados: “Pensem nas crianças/ Mudas, telepáticas/ Pensem nas meninas/ Cegas, inexatas/ Pensem nas mulheres/ Rotas alteradas/ Pensem nas feridas/ Como rosas cálidas/Mas oh não se esqueçam/ Da rosa, da rosa/ Da rosa de Hiroshima/ A rosa hereditária/ A rosa com cirrose/ Estúpida e inválida/ A anti-rosa atômica/Sem cor, sem perfume/Sem rosa sem nada”.

O quadro “O Grito”, de Edvard Munch, de 1893 é o exemplo mais cabal de que uma imagem, ainda que em registro expressionista, ou seja, não mimético, é capaz de representar uma gama de sentimentos, emoções e estados de alma que jamais precisariam ser legendados. É um grito que cala. Nenhum rumor de palavra se faz ouvir. Nem as palavras do próprio Munch, em seu diário, conseguem dar conta de forma tão intensa da ansiedade que diz sentir: “Passeava com dois amigos ao pôr-do-sol. O céu ficou de súbito vermelho-sangue. Eu parei, exausto, e inclinei-me sobre a mureta. Havia



sangue e línguas de fogo sobre o azul escuro do fiorde e sobre a cidade. Os meus amigos continuaram, mas eu fiquei ali a tremer de ansiedade e senti o grito infinito da Natureza.”

Esses exemplos recorrem a imagens e palavras que estão incutidas numa certa memória da sociedade ocidental do século XX. A relação entre elas poderia se desdobrar em muitas direções: a adaptação de obras literárias para o cinema, as campanhas publicitárias ou o fotojornalismo. Por ora, seria interessante reconhecer que, enquanto a imagem cria uma operação de **condensação**, reunindo em si descrições, estatísticas, emoções e pulsões; a palavra estabelece uma operação de **expansão**, multiplicando imagens criadas no silencioso pacto da leitura/escuta: imagens que não valem para todos, que não são as mesmas para todos e que, em última instância, são mais libertárias. Ou seja, a palavra é capaz de fazer imaginar ainda mais do que a própria imagem.

O fato é que estamos diante de um excesso de imagens que fizeram nossos olhos adoecerem. Padecemos mesmo é de conhecer o poder bombástico das palavras.

Errata: No artigo da semana anterior, os valores dos prêmios recebidos por Manoel de Barros e Danton Trevisan eram em euros.